

Provões: educação, agricultura e quintais

Octavio Mello Alvarenga

• O ministro Paulo Renato Souza venceu uma primeira batalha campal quando ocorreu o comparecimento quase absoluto dos formandos das escolas de ensino superior, para o teste de avaliação. Foi aprovado no provão.

No dia seguinte estava em seu gabinete, eufórico, com os percentuais indicativos das provas em branco: uma fração mínima. Resultaram em nada as badernas promovidas no Rio, onde gabaritos de provas foram apresentados como "vazamento". Ridículo pretender explorar o público.

O ministro Paulo Renato passou no teste administrativo. E a educação? Também foi aprovada? A hora da onça beber água ocorrerá quando o verdadeiro "gabarito" das escolas superiores for analisado.

A problemática da educação brasileira é muito delicada. Todo mundo sabe disso: do motorista de táxi ao investidor na bolsa. A começar pelos cursos de Primeiro Grau, onde alunos analfabetos são promovidos ou diplomados, com notas de louvor! Não fica muito atrás o Segundo Grau, de onde saem levas de "estudantes" incapazes de expressar pensamentos através de palavras (escritas ou vocalizadas). E chegamos ao pórtico dos exames vestibulares dos cursos superiores.

Enquanto não chega a avaliação das faculdades, testadas através dos próprios diplomandos, divulga o MEC, pela Secretaria de Avaliação Educacional (Saeb), a situação do ensino de Segundo Grau. Qual a conclusão? Se a qualidade de ensino fundamental vem melhorando, a situação do ensino de Segundo Grau é trágica: 35% do alunos não sabem somar números naturais e 32% não conseguem selecionar informações em textos simples. São resultados oficiais de testes

do Saeb aplicados em novembro de 95, com a participação de 90,4 mil alunos de 2.289 escolas públicas e 511 particulares.

O que tem a ver com isso a agricultura brasileira? Tem tudo a ver! Já se foi o tempo em que agronomia era solução para aluno incapaz de diplomar-se em engenharia, e veterinária para quem não conseguia entrar na faculdade de medicina. Hoje, a engenharia agrícola, a zootecnia, a tecnologia de alimentos constituem cursos solicitados e integrados na vida do país. Dessa forma, quanto melhor preparados venham os alunos que se dispõem a disputar os vestibulares, e, depois, as provas universitárias, mais bem atendido ficará o setor agrícola.

Este é o verdadeiro "provão" para a agricultura. Querem um só exemplo? Vejam-no na Embrapa. Lembra-se onde seus primeiros presidentes José Irineu Cabral e Eliseu Alves foram buscar os alicerces da instituição? Entre os PhD, geralmente diplomados no exterior. Quem acompanha o esforço das grandes universidades voltadas para a agricultura conhece a importância das duas batalhas anteriores ao "provão" universitário, e que se desenrolam nas escolas primárias e nas de ensino médio.

■ ■ ■ ■ ■

Toda a classe rural brasileira está celebrando a última eleição ocorrida no Sebrae, que elegeu Pio Guerra presidente da entidade. A escolha recaiu num excelente técnico e competente administrador do Senar, a nível nacional. Quem ganhou? Ganhou a agricultura com a ascensão desse pernambucano de presença imponente, cuja capacidade dialética procuramos salientar há mais de dois anos atrás no artigo "Os chavões da reforma agrária" — alusivo a uma reunião do Con-

selho de Segurança Alimentar convocada em junho de 1994 por dom Mauro Morelli, no Palácio do Planalto (O GLOBO, 17/06/94). Os representantes dos sem-terra, ali em maioria, predicavam invasões de propriedades. Equiparavam o significado dos verbos "pressionar" e "invadir", defendendo a multiplicação infinita de miniprodutores rurais, como solução para a sobrevivência de milhares de "desassentados" e o aumento da produção agrícola. Pio Guerra (representando a CNA), embora de acordo com uma filosofia de amparo aos pequenos e médios empresários, ponderava que o assunto deveria ser considerado à luz de uma tendência constatável em todos os países do mundo: a paulatina diminuição do percentual dos produtores *par e passu* ao aumento da mecanização. Chegou o momento de Pio Guerra enfrentar esta questão, pois o Sebrae cuida justamente das empresas médias e pequenas.

■ ■ ■ ■ ■

Há meia dúzia de anos moro num condomínio simpático, ecológico, o Parque dos Dois Irmãos, no Alto Leblon. Chama-se "Quintas e Quintais". Pois nessa atmosfera, onde o verde das árvores se mescla à possibilidade de encontrar macacos silvando e pássaros trinando, um morador, até agora impune, decidiu envenenar gatos e gambás. Matou seis felinos num só fim de semana. Três pelo menos eram meus conhecidos, castrados e mansíssimos. Tenta-se por aqui justificá-lo, sob a alegação de que os gatos fazem ruído à noite. Meu receio é que o assassino passe a distribuir bombons envenenados às crianças. Porque fazem ruído, de dia.

OCTAVIO MELLO ALVARENGA é presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.